

TRABALHAR PARA ESTUDAR / ESTUDAR PARA TRABALHAR: REALIDADE E POSSIBILIDADES

Janes Teresinha Fraga Siqueira¹

Resumo

O trabalho que apresentamos é parte da pesquisa, ainda não concluída,² com os estudantes das licenciaturas e da pedagogia da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC-RS-Brasil. Este está inserido na linha de pesquisa: educação, trabalho e emancipação do mestrado em educação desta Universidade.

Queremos compreender, à luz do materialismo histórico e dialético e das categorias da crítica da economia política, os significados atribuídos pelos estudantes universitários ao fenômeno trabalho e estudo. É uma pesquisa preferentemente qualitativa de natureza dialética.

Para Marx, a essência da realidade humana reside no trabalho, mas a fonte de toda a riqueza está na natureza. Logo trabalho, natureza e sociedade estão em relação dialética. Trabalho, portanto, é a ideia central articuladora, e natureza e sociedade devem ser estudadas em conexão com o trabalho. Marx trata o trabalho, no modo de produção capitalista, como um impedimento ao desenvolvimento humano. Propõe o mesmo como um ato de criação e auto-expressão humana que não deve ter um valor. A compreensão dessa premissa é necessária para que os trabalhadores possam significar e

¹Doutora em educação na UFRGS. Profª Adjunta da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Pesquisadora da Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação - FACED/UFRGS, e da linha de pesquisa: Educação, Trabalho e Emancipação – Mestrado UNISC.

² A conclusão de nossa pesquisa está prevista para o final do ano de 2011.

ressignificar o trabalho para além da ideologia dominante. Algumas categorias aparecem como relevantes para a análise: condições de trabalho e de estudo, necessidade de formação, predominância do trabalho sobre o estudo, dificuldade de conciliar tempo de estudo e de trabalho. Na relação com o objeto de estudo, ressaltaremos a crise estrutural do capital, a desregulamentação das leis do trabalho e sua flexibilização e as contradições entre trabalho e estudo bem como quais possibilidades emancipatórias são visualizadas ou sonhadas pelos trabalhadores-estudantes.

Palavras-chave: Contradições entre trabalho e educação; Condições e significados; Realidade e possibilidades.

Introdução

Nosso estudo se insere na linha de pesquisa “educação, trabalho e emancipação” do Pós -Graduação *Stricto Sensu* da Universidade de Santa Cruz do Sul. Nosso interesse por esse tema está relacionado aos estudos que realizamos no mestrado e doutorado. Interessa-nos o trabalho como fenômeno relacionado ao estudo e vice-versa nas instituições de ensino escolar e universitário, bem como na sociedade. Entendemos que o espaço escolar e universitário e as políticas de educação que as rege são um tipo de política social. Ressaltamos também a nossa compreensão do fenômeno trabalho como categoria central, fundamentalmente porque “tem como exigência ser socialmente útil” (PISTRAK, 2009, p. 35). O trabalho “ocorre na prática social, no meio social, entendendo-se a escola como continuidade desse meio e não como uma preparação para esse meio”. Se essa relação feita por Pistrak vale para a escola, pensamos que vale para

a universidade. Escola e universidade organizam a tarefa de conhecer esse meio - com suas contradições, lutas e desafios.

A LDB (Lei nº. 9.394/96) concebe a educação como processo permanente e inclui “a valorização do trabalho como realização do homem e da sociedade e como eixo vertebrador do processo social e educativo”. (SIQUEIRA, 2004). Portanto a lei coloca o trabalho como a medula da realização do homem e da sociedade, o que é contraditório com um modelo econômico que proclama o trabalho como realizador do homem, mas produz desemprego. Isso nos mostra os sentidos do trabalho no que se refere à lei e à sociedade vigente. É aquele trabalho que esgota as forças físicas dos seres humanos como também o potencial de forças da natureza, ou da ‘base natural da existência humana’ onde se encontra a matéria prima para desenvolver o trabalho que interessa: o trabalho concreto, útil.

A realidade das possibilidades da classe trabalhadora para realizar seu trabalho, em qualquer tipo de sociedade, está em relação dialética com o potencial existente na natureza e o processo de desenvolvimento social sustentável para que o trabalho humano e social se realize como elemento transformador do próprio homem.

As leis no que se refere ao trabalho, à natureza e à sociedade têm se caracterizado por seu caráter mais formal do que real. Suas proclamações contradizem o que é básico. Por base, entendemos investimento e gestão que permita dar o que se promete. Se os estudantes jovens, tanto da educação básica quanto os universitários, precisam trabalhar demasiadas horas por dia para poderem estudar e se não estudarem terão menos chances de trabalho, esse conflito manifesta-se como uma contradição essencial. Logo conciliar as horas de trabalho, que lhes permite ganhar salário, com o trabalho de estudar que lhes propicia gasto, não é fácil, mas uma aventura e um esforço demasiado. Se realizam esse esforço é porque são jovens movidos pela necessidade e

pela esperança. Observamos, no entanto, a ingenuidade frente a essa realidade, e que ainda não acessaram aos conhecimentos que os levariam a questionar a natureza, a origem e desenvolvimento desse fenômeno.

O desrespeito ao mundo natural e humano alimenta o sistema para que tudo aconteça de forma a servir suas leis. A mais importante delas, por ser sua essência, é a produção e expropriação de mais-valia. A pouca formação oferecida hoje em cursos aligeirados aos jovens, tanto nas escolas quanto nas universidades, é bom exemplo para a realização do trabalho explorado em seu conteúdo e forma. Tudo parece “ter que ser” acelerado. Não há tempo a perder. Por outro lado, muitos estudantes demoram mais para fazer seus cursos por falta de dinheiro.

O número de alunas e alunos das licenciaturas e da pedagogia que trabalham para pagar os estudos é bastante elevado nas universidades, particulares e comunitárias. Eles buscam conciliar o que para eles têm uma relação inseparável. O que é possível saber, através da convivência com os estudantes e também dos diálogos, questionários e entrevistas, é que a compreensão do mundo do trabalho e suas contradições essenciais apresentam-se como um fenômeno externo à consciência dos estudantes e também para todo o conjunto da vida e do cotidiano institucional em que estão estudando.

O presente estudo tem como ponto de partida nossa pesquisa desenvolvida no mestrado e doutorado.³ Atualmente, em nossas aulas na universidade, nos diversos cursos de licenciaturas e na pedagogia, evidencia-se cada vez mais que a condição de estudantes que trabalham e de trabalhadores que estudam também se faz presente e em condições semelhantes as que encontramos na escola básica. Realizamos inicialmente um estudo-piloto com alguns alunos universitários. Percebemos que nossos alunos não

³ Pesquisamos as condições de trabalho no mestrado desenvolvendo um estudo comparado entre Brasil-RS e província de Buenos Aires. No doutorado pesquisamos as condições e os sentidos do trabalho. Na primeira pesquisa tivemos como sujeitos jovens da educação básica e da Universidade de Lujan-Argentina bem como seus professores e pais. Na segunda pesquisa nossos sujeitos foram os jovens da educação básica, seus professores e pais.

conseguiam ler em casa os textos e/ou livros recomendados nas aulas. Cada aula era marcada pelo atraso do conteúdo a ser desenvolvido a partir de uma leitura prévia. Também realizamos um estudo-piloto com alguns alunos dos cursos de férias nos quais trabalhamos. Conhecemos então condições de trabalho que se colocavam como impedimento para a realização do que, para nós, é necessário: estudar para aspirar a uma formação continuada no sentido do desenvolvimento humano.

Após essa primeira experiência, apresentamos nossa proposta de estudo à linha de pesquisa do mestrado: educação, trabalho e emancipação. Aprovado o projeto, começamos a realizar entrevistas, agendadas previamente, e a trabalhar também com questionários, diálogos e observações em nossas turmas. Nossa intenção não é generalizar, mas ter compreensão mais profunda desse fenômeno a partir da amostra que até então conseguimos trabalhar.

Trabalho, natureza e sociedade

Mészáros, ao analisar a poesia do poeta húngaro József que fala da exigência vital de sermos fiéis cumpridores da lei, coloca que József não se refere simplesmente às leis feitas pelos homens, mas que vale, sobretudo, para a lei absolutamente fundamental da relação da humanidade com a própria natureza: Essa é colocada como *o substrato objetivo de nossa própria existência*. Para Mészáros, esse tem de ser o fundamento último de todo o sistema de leis humanas. Contudo essa é a relação que, em nosso tempo, vem sendo violada pelo capital de todas as maneiras possíveis, ignorando irresponsavelmente as conseqüências. A violação da base natural da existência humana não pode continuar indefinidamente. (MÉSZÁROS, 2007).

Marx pensa a natureza como fonte de toda a riqueza e a relaciona dialeticamente à essência da realidade humana que para ele reside no trabalho. Logo trabalho, natureza e sociedade estão em relação dialética.

Nos manuscritos econômicos e filosóficos de 1844, Marx⁴ propõe o diálogo dos seres humanos com a natureza. Ele nos diz: “O homem vive da natureza (...) e tem que manter com ela um diálogo ininterrupto se não quiser morrer. Dizer que a vida física e mental do homem está ligada à natureza significa simplesmente que a natureza está ligada a si mesma, porque o homem é parte dela” (BOTTOMORE, In FROMM, 1976, p. 95).

Para Marx, o sistema capitalista esgota as forças do trabalhador e da terra. Defende que o homem é parte integrante do meio ambiente e deve ter um papel de guardião dos mananciais que lhe permitem trabalhar.

Pistrak, apoiado nas ideias de Marx, propõe que se estude a natureza e a sociedade em conexão com o trabalho. Relacionam-se, entre si, estes três aspectos importantes para a humanidade.



Pistrak representa essa relação conforme o gráfico acima. Para ele, temos três dimensões de um complexo. Cada ideia central articuladora reúne as três dimensões que em seu conjunto devem refletir a “complexidade”⁵ daquela parte da realidade escolhida para estudo - sua dialética e sua atualidade, vale dizer, suas contradições e lutas - seu desenvolvimento.

⁴ Nos Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844 encontramos: “Que el hombre vive de la naturaleza es su cuerpo, con el cual há de mantenerse em um processo constante para no perecer. La afirmación de que la vida física y espiritual del hombre se encuentra ligada a la naturaleza no tiene outro sentido que el de que la naturaleza se encuentra ligada consigo misma, pues el hombre es parte de la naturaleza. (MARX, 1980, p. 73).

Fromm nos chama a atenção de que esses princípios não eram apenas da obra do jovem Marx, mas também do velho Marx e sobre isso ele não tem qualquer dúvida.

⁵ “Por complexo deve-se entender a complexidade concreta dos fenômenos, tomada da realidade e unificada ao redor de determinado tema ou ideia central” (PISTRAK, 2009).

A complexidade concreta dos fenômenos apreendida da realidade remete à vida, e esta à questão do trabalho e sua relação metabólica com a natureza: o trabalho está no centro do estudo como base da vida para as pessoas, mas não se sustenta sem a natureza como substrato do trabalho humano e social.

Marx considera o processo de trabalho, inicialmente, à parte de qualquer estrutura social determinada ou específica. Considera o trabalho por sua natureza geral, independente da determinação do capitalista de produzir um valor de uso particular. Em seus dizeres sobre **esse** processo encontramos a seguinte explicação:

... o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. Não se trata aqui das formas instintivas, animais, de trabalho. Quando o trabalhador chega ao mercado para vender sua força de trabalho, é imensa a distância histórica que medeia entre sua condição e a do homem primitivo com sua forma ainda instintiva de trabalho. (MARX, 1988, p. 202)

Marx nos fala do trabalho como um processo de transformação da natureza pelo homem e deste pela natureza. Fala-nos ainda da capacidade especificamente humana de transformação e autotransformação, ou seja, trabalho sob a forma especificamente humana. Para ele, só os seres humanos têm a capacidade de projetar, planejar, de pôr em prática suas capacidades imaginativas que podem ser desenvolvidas com o trabalho. Com isso, a visão de si mesmo e do mundo se altera, transforma suas condições de vida, transcende sua condição de animal e torna-se um animal social. O trabalho oferece aos seres humanos a possibilidade de transformar as energias naturais em energias socializadas, levando à auto-realização do indivíduo e da espécie por meio do desenvolvimento e da diferenciação das necessidades.

A prática social de trabalho no desenvolvimento do sistema capitalista, devido a sua essência, tem destruído os mananciais naturais de trabalho que são importantes para a humanidade bem como a própria natureza humana que se expressa através de suas energias físicas, psicológicas e sociais. A natureza, entendida como um todo vivo e pulsante, inclui os seres humanos como um de seus elementos principais, mas supomos que esses mesmos seres humanos têm dificuldades em se olhar como parte intrínseca dos mananciais naturais a ponto de, por falta de consciência, não conservar o seu entorno ou ambiente necessário ao trabalho humano útil.

Para nós, lutar pela conservação da natureza hoje é questão de vida ou morte. Entendemos que o capitalismo destrói, visando apenas o lucro, justamente o que é o substrato necessário ao trabalho humano e social. Nossa intenção é também denunciar o uso da consciência ingênua dos jovens ao convocá-los para o trabalho precoce ou de exploração e o uso da consciência ingênua da população como um todo ao ser convocada para o consumismo para dar conta da produção de mercadorias produzidas.

O trabalho como idéia central articuladora

Em Marx, o trabalho é uma categoria central. Essa centralidade independe da forma de sociedade realmente existente. Para ele: “o trabalho como criador de valores-de-uso como trabalho útil, é indispensável à existência do homem qualquer que sejam as formas de sociedade - é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana” (MARX, 1988, p. 50).

Alguns estudiosos do trabalho, entre os quais Habermas, Offe, Gors e Rifkin, referem-se ao fim do trabalho ou dos empregos. Para Offe ⁶, o trabalho industrial continua existindo, mas como um trabalho periférico e não mais como central. Para

⁶ Para falar nos autores, Offe, Habermas, De Masi, baseio-me também em anotações de sala de aula. Professora Marlene Ribeiro, (UFRGS, abril de 2001).

Offe e Habermas, as energias utópicas do trabalho esgotaram-se. São menos potentes devido à mudança da realidade. Qual realidade? A de capitalismo predominantemente industrial.

Para Bensaïd, esses autores referem ao trabalho historicamente determinado por um modo de produção. Referem-se ao trabalho assalariado, com direitos sociais conquistados, surgidos a partir da emergência do capitalismo, da produção e do progresso. Trabalho que se tornou “necessário” à sobrevivência de homens e mulheres. Mas Bensaïd reafirma que a “crise do trabalho” não anuncia o “fim do trabalho”. Designa, sim, uma crise específica do trabalho explorado e da relação capital-trabalho ou uma crise da relação capitalista de produção. (2000, p. 89-90).

Em nossa pesquisa evidencia-se que os jovens trabalhadores estudantes universitários trabalham pela sobrevivência e que ao mesmo tempo buscam realizar alguns sonhos, como o de estudar, mesmo que com grande dificuldade de tempo para conciliar os dois tipos de atividade. Dizem-nos: “*uma depende da outra*”. Acreditam que, se estudarem, terão mais chances na vida e, se trabalharem, poderão sustentar os estudos no plano financeiro. Nossa afirmação se fundamenta em nossas observações, questionários, entrevistas e convívio com nossos alunos. Gostaríamos de ouvir que a palavra “sustentar” os estudos deve necessariamente incluir ter tempo para estudar. Não é essa a realidade vivida por eles. Trabalham muitas horas e em condições de exploração. Não mais na fábrica, mas em diversos tipos de trabalhos e em serviços, predominantemente. Muitos estão na condição de estagiários e assim permanecem por longo tempo.

A pergunta de Bensaïd é: o trabalho pode perder sua centralidade em uma sociedade produtora de mercadorias? O trabalho que está em crise não é, portanto, o trabalho concreto. Mas o trabalho abstrato, forma de trabalho assumida e aprofundada

pelo capitalismo. Esse tipo de trabalho, abstrato, estaria em crise no capitalismo neoliberal. Para Marx o trabalho concreto é a qualidade de trabalho útil, que produz valores de uso, enquanto que o trabalho abstrato é criador de valores de troca.

Bensaïd (2000) ressalta que a crise é específica do trabalho assalariado. É a relação de assalariamento, na qual o tempo de trabalho abstrato é a medida geral da riqueza social. (BENSAÏD, 2000). Ressalta ainda a denúncia da mídia, em seus discursos usuais, que enfatiza o arcaísmo da crítica marxista da economia política. Essa denúncia da mídia é contrária ao pensamento de Bensaïd porque para a mídia é como se o tempo de trabalho já não desempenhasse nenhum papel na era das redes, dos computadores e dos robôs. Para ele, pode-se comprovar que a redução da relação social em tempo de trabalho abstrato aparece em toda parte nas relações de trabalho. As relações apontadas pelo autor estão presentes no trabalho dos estudantes e no estudo dos trabalhadores. Aparecem quando:

Trata-se da idade de aposentaria, da anualização da jornada de trabalho, da redução da semana de trabalho, do pagamento das horas extras, da adequação dos horários ou dos ritmos escolares, do trabalho dominical. A luta para dividir o tempo de trabalho em tempo necessário e sobretrabalho é atual (BENSAÏD, 2000, p. 90).

Gors propõe a noção de “composição orgânica do trabalho” expressando a relação entre trabalho vivo e trabalho morto, no próprio processo de trabalho. Para Bensaïd, Gors ilustra um aspecto particular da tendência geral de evolução orgânica do capital. Mas pensa também que Gors extrapola quando anuncia o desaparecimento do trabalho abstrato.

No capitalismo, o trabalho abstrato não desaparece. “Em sua sede por lucro o capital sempre tem necessidade de trabalho vivo, ainda que deva mobilizar uma quantidade crescente de trabalho morto para transformá-lo em valor” (BENSAÏD, 2000, p. 90).

A relevância da produção e reprodução humana está em seu caráter histórico social. Os seres humanos, particularmente, por esse caráter, qual seja histórico e social, não poderão prescindir do trabalho como possibilidade de desenvolvimento.

Para muitos estudiosos da teoria Marxiana (entre os quais: Bensaïd, Mészáros, Jameson, Wood, Eagleton), que acreditam na vitalidade de suas ideias, ainda hoje, existe uma confusão de entendimentos sobre a questão do trabalho. A centralidade do trabalho, para esses estudiosos, depende do ponto de vista e de qual trabalho estamos falando. No capitalismo reestruturado, a contradição entre trabalho e capital se aprofunda com o desemprego estrutural e a existência de uma tecnologia avançada a ponto de substituir os seres humanos pela máquina, ou “trabalho vivo” por “trabalho morto”. Apesar desse avanço da tecnologia e do conhecimento humano o capital ainda não pode prescindir do trabalho vivo. Mas quando se trata de trabalho como possibilidade de criação humana, ou seja, do ponto de vista antropológico “falar no fim do trabalho não quer dizer absolutamente nada”. (in Löwy, Bensaïd, 2000, p.85).

Se os seres humanos se desenvolvem através de suas criações, de seu fazer cotidiano para produzir sua vida concreta, esse processo inclui o trabalho como transformação da natureza como bens úteis para si.

Os seres humanos, portanto, criam objetos que têm valores de uso, que são úteis à sua existência material e espiritual, que os desenvolve e que os transforma em humanidade pensante. Esse é o trabalho necessário para o desenvolvimento humano. Ao criar livremente, ele se desenvolve, aprende, ensina, cria um mundo de possibilidades em seu entorno e esse tipo de criação humana não tem valor material que pode ser medido em horas e aprisionado em um espaço. O tempo e o espaço têm outro significado para esse tipo de trabalho de criação e autocriação. É de outro nível. Não representa o aprisionamento que o dono do meio de produção lhe impõe.

Numa sociedade capitalista, trabalhamos para sobreviver e produzir mais-valia. Em uma sociedade justa e igualitária, deveríamos trabalhar para nos desenvolver como seres humanos. Assim, o trabalho não teria essa forma de valor (produção e reprodução de mais-valia) porque trabalho humano e social que vise ao desenvolvimento da humanidade não deveria ter um valor.

A crise do trabalho assalariado é prevista por Marx nos Manuscritos de 1857-58 (tomo II). Marx anuncia, então, a crise da lei do valor resultante do próprio desenvolvimento das capacidades de produção: “a mediação da riqueza por meio do tempo de trabalho torna-se uma “base miserável” a partir do momento em que as forças mediatas do trabalho (a parte do trabalho e do saber acumuladas no curso de gerações) prevalecem sobre as formas imediatas e a criação de riqueza se faz relativamente independente do tempo diretamente utilizado na sua produção”. (BENSAÏD, 2000, p. 88).

A análise de Bensaïd à crise prevista por Marx relaciona-se a uma contradição do capitalismo sobre o porquê de o tempo de trabalho tornar-se uma “base miserável”. Marx, ao tratar do tempo de trabalho como medida de valor, o coloca como “roubo do tempo de trabalho alheio, sobre o qual se baseia a riqueza atual, torna-se uma base miserável se considerarmos aquela recém-desenvolvida e que foi criada pela própria grande indústria”. Aponta sua contradição ao dizer que: “Por um lado, (o capital) dá vida a todas as capacidades da ciência e da natureza, assim como da combinação e da comunicação social, para fazer com que a criação da riqueza seja relativamente independente do tempo de trabalho a que se refere. Por outro lado, quer medir estas gigantescas forças sociais assim criadas e aprisioná-las nos limites requeridos para conservar o valor como valor já criado”. (MARX, apud BENSAÏD, 2000, p. 88).

As forças mediatas do trabalho referidas por Bensaïd são as forças construídas historicamente. São trabalho e saber das gerações para os quais o capital dá vida. Mas, ao mesmo tempo, aprisiona essas forças nos limites requeridos pelo capital para conservar a forma como o valor já foi criado.

Em nossa opinião, se o capital dá vida às capacidades da ciência é porque, também ao longo da história, houve luta organizada para melhorar a qualidade e as condições de trabalho. Mas o capital, ao desenvolver as forças produtivas, não liberou os produtores diretos (trabalhadores) dos males do trabalho excessivo. As forças produtivas avançadas servem atualmente para que uma parte dos trabalhadores, aqueles que realizam trabalhos mais qualificados, aumente abusivamente suas horas de trabalho porque precisam arrumar outros empregos para aumentar sua renda. Alguns, como a categoria dos professores, por exemplo, aceitam trabalhar demasiadas horas⁷ para garantir seu emprego ou porque precisaram aumentar suas horas de trabalho na escola para elevar seus ganhos.

Pistrak, ao tratar da questão do trabalho e da escola, coloca que “seja qual for a forma que o trabalho tome, ele tem uma característica comum: é trabalho socialmente útil- um conceito mais maleável do que trabalho produtivo e improdutivo”. Ressalta que “o trabalho socialmente útil é, exatamente, o elo perdido da escola capitalista. O trabalho socialmente útil é a conexão entre a tão propalada teoria e prática. É pelo trabalho, em sentido amplo, que esta relação se materializa. Daí a máxima: não basta compreender o mundo, é preciso transformá-lo”. (PISTRAK, 2009, p. 34).

⁷ Hoje é comum os professores da educação básica acumularem 60 hs de trabalho semanais por necessidade econômica. Vivendo nessas condições não conseguem se desenvolver como educadores que deveriam continuar a estudar, já que essa é uma ferramenta de seu trabalho, para, por exemplo, não receberem planejamentos e currículos prontos dos órgãos de gestão do sistema educacional.

Sobre as condições de trabalho e de estudo dos trabalhadores estudantes da universidade

Podemos dizer que em seu ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar, trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros. Os homens se educavam e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia à experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie. (SAVIANI, 2006, p. 4)

A relação entre trabalho e educação referida por Saviani e desse ponto de vista histórico desde a sociedade primitiva, nos mostra que desde então muitas coisas mudaram na forma e no conteúdo do trabalho. Hoje o que é transmitido às novas gerações é a responsabilidade de trabalhar na única forma que esse pode se realizar, para as classes desfavorecidas, vendendo a força de trabalho como forma de sobreviver. Os poderosos avanços da tecnologia que se coloca a nossa vista ou que são absolutamente evidentes ajudaram o capitalismo a se reestruturar. A tecnologia avançada é uma conquista por um lado, por outro aumentou o tempo dedicado ao trabalho e não o contrário. Quando particularizamos o trabalho dos jovens, o fazemos porque entendemos que aí residem contradições profundas e essenciais. Como um jovem das classes que precisam trabalhar para sustentar financeiramente seus estudos pode ter uma formação de nível mais elevado se não há tempo disponível para realizar o trabalho de estudar? Como poderão esses jovens elevar suas capacidades cognitivas superiores, pensar e repensar os temas propostos para seu estudo na universidade, se

estudam no ônibus ou apenas no domingo ou talvez, apenas em sala de aula. Que formação é esta? Qual será seu lugar na sociedade após receber um diploma?

Na tentativa de compreender o fenômeno que nos propusemos a estudar com os (as) jovens universitários (as), procuramos conhecer suas condições de vida e de trabalho.

Algumas de suas falas são indícios de que nosso concreto sensível poderia se desenvolver para o concreto abstrato e lógico conforme o método que nos dispomos a continuar trabalhando. As condições de trabalho que nos foram dadas a conhecer, em primeiro lugar, pelos alunos dos cursos de férias nos revelam: a falta de tempo para estudar, o sofrimento psíquico ao conscientizar a importância do estudo, o sofrimento que prejudica a saúde, o esforço na tentativa de conciliar estudo e trabalho, as trocas entre tempo de trabalho e estudo possíveis de fazer ou que são permitidas e exigidas pela gestão da escola entre outras questões.

“Trabalho com EJA. Tenho consciência da importância do estudo para me desenvolver, mas a dificuldade é a falta de tempo por excesso de trabalho. Estou fazendo muito esforço para conciliar e estou sofrendo de stress e depressão”. (Aluna B – Curso de Pedagogia).

“Trabalho horas demais e não sobra tempo para estudar por isso falto à aula. Tenho um filho. Quem cuida é minha mãe”. (Aluna C - Curso Pedagogia)

Precisei pagar uma substituta na escola para cursar essa disciplina do curso de férias. Pago a Universidade. Preciso do curso de férias para avançar nos estudos e me formar. (Aluna D - Curso de Pedagogia).

Na carteira de trabalho foram acertadas oito horas por dia. Mas chegamos a trabalhar 14 horas por dia. Isso é normal no litoral. Meu marido trabalha em dois empregos de dia e a noite. Temos filhos. (Aluna F – Curso de Pedagogia).

Moro ao norte de Minas Gerais. Precisei pagar outro professor para dar aula em meu lugar. Gosto muito de estudar, mas as dificuldades são muitas. A gente não tem incentivo. (Curso de Química – curso férias- 2008)

Trabalho em três escolas estaduais. Tenho outro trabalho com computação. Trabalho desde os 14 anos. Já perdi parte da possibilidade de enxergar de um olho. Para uma das escolas eu não tenho o direito de faltar para fazer o curso de férias. (Curso de Química – 2008).

O que aparece de concreto na fala desses alunos e professores ou futuros professores?

- Falta de tempo para o estudo devido ao excesso de horas de trabalho.
- Sofrimento psíquico manifestado através do stress e depressão.
- Necessidade de sobrevivência pessoal e da família.
- Necessidade de pagar outro professor para substituí-lo quando isso deveria ser um problema da escola e do poder público que no discurso proclama a formação continuada através de suas leis.

- Excesso de horas não pagas pelo trabalho o que vai ao encontro da expropriação demais valia-absoluta, o mais recôndito do capital descoberto por Marx.

- Trabalho desde a infância, conforme as normas da OIT, com consequências para a saúde. Recordemos essa fala: *“trabalho desde os 14 anos e já perdi parte da possibilidade de enxergar de um olho”*

Esses exemplos nos mostram o esforço rotineiro, repetitivo, incômodo e inevitável de um trabalho que não visa a liberdade humana e a realização de uma obra que permaneça além da vida. No entanto se trata de formação de professores e de professores trabalhadores que vendem sua força de trabalho para realizar o que deveria ser essencial em qualquer sociedade.

Dessas falas, como já dissemos, partimos para o projeto de pesquisa, aprovado pela universidade. Atualmente temos mais de trinta questionários, doze entrevistas e possibilidade de entrevistar alunos de cursos que ainda não participaram como, por exemplo, de biologia e matemática.

Nos cursos regulares a maioria trabalha no ramo de serviços. São secretárias em escritórios, em lojas, trabalham em supermercados, em oficinas, como técnicos em enfermagem, fazem estágios através do CIEE (Centro de Integração Empresa Escola)

como atendentes de EMEIS (Escolas Municipais de Educação Infantil) e inclusive com faxinas.

As condições dos alunos e alunas que precisam trabalhar para estudar seguem a tendência da realidade que encontramos em nossa dissertação de mestrado e tese de doutorado. A maior parte de seu tempo é dedicada ao trabalho e os ganhos em dinheiro estão aquém do que seria necessário para pagar os estudos e dar conta, sem preocupações, das demais necessidades básicas. Nota-se o cansaço físico e às vezes psicológico de jovens que se esforçam para tentar ser alguém, seguindo a lógica do sistema vigente.

Nosso estudo não particulariza os alunos e alunas que fazem estágio no CIEE. Mas esse tipo de trabalho e forma de contrato aparece quando dialogamos, sobre trabalho, com nossos alunos em aula. Pretendemos inclusive entrevistar algumas das alunas que trabalham com contratos de estágio pelo CIEE e que concordaram em participar de nossa pesquisa. Em uma das cidades do Vale do Rio Pardo, conseguimos apurar que existem 150 professoras⁸ da educação infantil trabalhando sob essa forma de contrato. Esse é o motivo de mencionarmos o CIEE. Em nossas pesquisas anteriores convivemos e pesquisamos alguns alunos que tinham esse tipo de contrato. Nessa época muitos estudantes que nos concederam entrevista trabalhavam com carteira assinada, férias e 13º salário, mas no caso de estágio no CIEE esses direitos não vigoravam.

Por isso ousamos dizer que o estágio através do CIEE que antes era uma forma de trabalho e de contrato destinado aos estudantes do ensino médio das escolas públicas, conforme analisamos em nossas pesquisas anteriores, atualmente, atingiu também os estudantes universitários e futuros professores. Mesmo que existam novas propostas de contrato para os estagiários, o que não analisaremos nesse texto, entendemos que essa

⁸ As alunas se consideram professoras. Para elas estão trabalhando com educação e isso independe de serem formadas pela universidade.

forma de contrato está diretamente relacionado à desregulamentação das leis do trabalho, mediado pela flexibilização laboral proposta como forma de contrato de trabalho pela reestruturação capitalista da atualidade.

Nossas pesquisas anteriores bem como a observação sistemática da realidade das condições de trabalho dos professores públicos⁹ também nos autoriza a ressaltar que a flexibilização laboral também atingiu aos professores já formados que trabalham nas escolas públicas. Como exemplo, podemos citar os contratos emergenciais. Esse tipo de contrato resulta na não participação de qualquer luta organizada pelos sindicatos dos professores pela melhoria das condições de trabalho porque afasta esses profissionais de suas organizações de classe.

Será essa realidade social e política que espera por nossos futuros professores que estudam hoje com a esperança de aprender, obter qualificação para serem educadores de crianças e jovens?

Para a maioria dos estudantes essa é uma relação de troca que se impõe pela necessidade de dinheiro para estudar e perseguir seus objetivos. Dizem-nos: *“trabalhar possibilita estudar e estudar possibilita trabalhar”*. Para eles é essa a troca possível. Torna-se ‘imperativo’ conciliar tempo de trabalho e tempo para estudar mesmo que o estudo se concretize muito aquém do que precisariam para alcançar uma boa formação profissional. Já ouvimos: *“se eu não trabalho não estudo”*. *“Trabalho porque preciso, para tentar ser alguém”*. *“Se quero estudar tenho que me submeter ao trabalho porque é com esse dinheiro que pago o curso”*. Estão munidos de *“esperança de melhorar de vida um dia”*, *“com muito esforço”*.

A fala recorrente é o cumprimento de uma carga horária de trabalho maior do que as horas previstas no contrato. Quando perguntamos os motivos dão a entender que

⁹ Trabalhamos como profª pública municipal e estadual. Nossa experiência nas escolas durou 22 anos. Escolhemos a exoneração para nos dedicarmos a formação de professores.

“*existem muitas solicitações e exigências que os levam a trabalhar mais*”. Em alguns casos são reticentes e sucintos (nos questionários), em outros (nas entrevistas) dizem mais. Podemos citar o caso de uma aluna estagiária que ao falar de seu trabalho contou que nunca teve férias e quando lhe deram uma semana disse: “*me acordavam todos os dias às 7:00h da manhã para perguntar sobre tarefas que eu tinha experiência*. Em um dos dias lhe disseram: “*estamos com saudades*”.

Sobre o estudo reafirmam sua importância para atingir uma formação profissional, mas verbalizam que “*estão cansados*”, “*com sono*” e “*sem condições de dirigir a atenção às explicações em aula como gostariam*”.

Um aluno das ciências sociais assim se manifestou quando cobrado pelo excesso de faltas: “*trabalho muitas horas. Sou vendedor. Fico tão cansado que prefiro não permanecer em aula se não consigo prestar a atenção*”.

Uma aluna da pedagogia mostrou em aula um pacote de café e disse: “*professora, é assim que permaneço acordada*”.

Há manifestações de que gostariam de dedicar mais tempo ao estudo porque “*pegam o gosto por estudar*” ou porque “*é importante aprender*”, mas completam: “*se não trabalhar não poderei estar na universidade*” “*se não estudar não serei nada*”.

A contradição que se evidencia já a encontramos em outra pesquisa: o trabalho atrapalha o estudo e o estudo também atrapalha o trabalho. Este ganha força porque representa a satisfação de necessidades mais imediatas como manutenção da família e do estudo como possibilidade de ir além.

Com as mudanças no sistema de relações de trabalho, o emprego estável é reduzido¹⁰ apesar das notícias veiculadas pela mídia de que o emprego com carteira assinada aumentou no Brasil. O número de trabalhadores qualificados também é menor

¹⁰ Em nossa tese essas explicações estão desenvolvidas de forma mais completa.

(considerando o avanço tecnológico de hoje, que justamente precisa de trabalhadores mais qualificados). Existe o medo de perder o emprego mesmo pelos trabalhadores que possuem maior qualificação. Isso os levaria a buscar outras formas de trabalho como trabalhos terceirizados ou subcontratações. As perdas dos direitos dos trabalhadores e o aumento do desemprego contribuem para a deterioração do trabalho e, portanto, para uma maior exploração.

A flexibilização laboral responsável pelos contratos temporários jogam com o tempo, com o espaço e com as esperanças dos trabalhadores em geral e em particular dos futuros e atuais professores. A escola e a universidade assumem um papel de tolerância frente às novas relações de trabalho vividas pelos jovens que nela estudam. Não há muito espaço nas disciplinas acadêmicas para a discussão sobre as mudanças profundas que aconteceram no mundo do trabalho. No entanto essas mudanças não atingem apenas nossos alunos trabalhadores, mas atingem também a todos os professores que são também trabalhadores. Afirmamos isso não mais apenas como um leve sentir, mas já como um concreto abstrato e lógico. Esse fenômeno é um concreto negado no mundo do trabalho dos professores de todos os níveis, do escolar ao universitário. É como se a teoria do fim da história tivesse se concretizado¹¹. Ou seja, não podemos fazer nada para mudar a realidade porque o capitalismo como sistema é triunfante. É comum encontrarmos pesquisas que tratam das diversas formas de exclusão social, mas não está em discussão a exclusão de classes sociais que em muitos casos perpassa outras formas de exclusão. Não se discute na escola e nas universidades a relação dialética da subjetividade com a vida objetiva das pessoas na qual o trabalho joga um peso fundamental para o bem ou para o mal.

¹¹ Essa teoria foi defendida por Francis Fukuyama em seu livro *O Fim da História e o Último Homem*, lançado pela editora Rocco no início dos anos 90.

Apesar do nível universitário de nossos alunos é possível dizer que há uma consciência ingênua quanto às condições de trabalho. Essas condições são naturalizadas. Parece que sempre foi assim e o que é pior parece que sempre será. É uma forma alienante e a-histórica de pensar e compreender a realidade vivida. Dizem-nos que isso faz parte da vida. Lembrando A.S. Neill¹² poderíamos dizer que essa realidade é antívvida. Essa ideia nos impõe uma reflexão sobre o significado de um tipo de vida que seja digna dos seres humanos.

Base para ressignificar o trabalho e o estudo: realidade e possibilidade

A visão antropológica do trabalho, segundo Bensaïd (2000), propõe um trabalho amoroso, qualitativo ou a quantidade que se transforma em qualidade para todos. Bensaïd baseia-se na concepção marxiana de trabalho que contraria a concepção de trabalho humano como dever, como sacrifício.

Essa visão do trabalho, Marx a expressa destacando quatro pontos importantes. Primeiro ele parte da suposição de que, se produzimos como seres humanos, cada um de nós se afirmaria duplamente em sua produção, em relação a si próprio e ao outro. Em seguida destaca como essa produção se daria:

1) Em minha produção, eu realizaria minha individualidade, minha particularidade. Trabalhando, experimento a alegria de manifestar a individualidade de minha vida e, contemplando o objeto produzido, alegro-me ao reconhecer minha própria pessoa como um potencial que se realizou, como algo visível, tangível, objetivo. 2) O uso que faço do que produzi e o prazer que obtenho, dar-me-ia a alegria espiritual de satisfazer, através do meu trabalho, uma necessidade humana, de contribuir para a realização da natureza humana e de aportar ao outro o que lhe é necessário. 3) Eu teria consciência de atuar como mediador entre você e o gênero humano, de ser experimentado e reconhecido por você como um complemento de seu próprio ser e como uma parte indispensável de você mesmo, de ser acolhido em seu espírito e em seu amor. 4) Teria a alegria de que o que minha vida produz sirva para a realização da sua vida, de cumprir na minha atividade particular a universalidade de minha sociabilidade humana. Nossas produções seriam como espelhos em que nossos seres se irradiam um ao outro. (MARX, apud BENSAÏD, 2000, p. 86).

¹² A.S. Neill é um representante da concepção epistemológica apriorista. Nossa discordância dessa posição no entanto, desmerece sua grande experiência psicológica com crianças e jovens e sua brilhante compreensão da realidade vivida .

Mas, se esse trabalho amoroso é apenas sonho, como nos diz Bensaïd (2000), nos resta a luta para transformar o sonho em realidade. Compreender, profundamente, que os valores que nos são colocados como válidos estão carregados de ideologia, em seu sentido negativo, seria um passo importante para lutarmos por outra sociedade e ressignificar a vida e conseqüentemente o trabalho. Não há emancipação no trabalho obrigatório e alienado. Ou seja, “não deveria existir uma razão última para a existência humana além de seu desenvolvimento por si só prazeroso”. (EAGLETON, 1999, p. 22)

O fundamento de nosso ser é a forma compartilhada de natureza material denominada por Marx de “ser genérico”. O homem existe fundamentalmente para compartilhar, para produzir sua própria vida material, para realizar-se através da criação, para trabalhar para sua satisfação e coletivamente com os outros homens.

Essa seria outra base material que poderia ajudar na luta por ressignificar o trabalho humano. Os sentidos que damos ao trabalho na sociedade capitalista são sentidos carregados de moral e de obrigações. Sentidos compatíveis com a nossa necessidade de sobrevivência material para poder existir em uma sociedade de consumo ou em um capitalismo parasitário conforme nos explica Bauman (2010).

Sentido e representação, para Marx e Engels são sinônimos. Os sentidos ou representações na consciência dos sujeitos são construídos a partir das relações reais de existência. Constituem-se na relação com a base econômica, política, social, cultural e ideológica. Como ponto de partida a filosofia Marxiana toma a realidade prática dos homens e das mulheres. Esta realidade prática é que determina as ideias; não são as ideias que determinam a realidade.

A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente e o ser dos homens e mulheres são seu processo de vida real. E se, em toda a ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo de vida diretamente físico. (MARX E ENGELS, 1987, p. 37).

O conceito de *pseudoconcreticidade* de Kosik aproxima-se das ideias de Marx quando trata da ideologia. O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da *pseudoconcreticidade*. (KOSIK, 1986, p. 8). Ou seja, Kosik nos mostra que todo o conhecimento que expresse dados acerca da realidade e não examine os nexos fundamentais com base na existência material, mostra-se como *pseudoconcreticidade*. Esconde as determinações que são econômicas, políticas, sociais e ideológicas, pois são os concretos pensados apenas sustentados pela aparência dos fenômenos sem reconhecer sua historicidade.

A luta por trabalho criativo, livre da expropriação e da alienação, e por educação igual para todos são lutas que têm evidências claras de antagonismo ao sistema. Wood (2003) nos diz que algumas lutas (igualdade racial, igualdade de gênero) são até aceitas e assimiladas pelo capitalismo porque, além de gerar lucro, não o coloca em risco como sistema. Mas esse não é o caso, segundo Wood, das lutas pela paz mundial e pela saúde ecológica.

Sabemos que pesquisar sobre trabalho como categoria central e colocá-lo em conexão com a educação e com a natureza, bases da exploração dos seres humanos, ajudam a desvelar realidades estruturais das quais o capitalismo não pode prescindir para se reproduzir como sistema. Isso ameaçaria suas bases de sustentação que é expropriação de mais-valia dos trabalhadores que, contraditoriamente, dependem dessa exploração para viver.

Pensamos que, sem compreender a essência do capitalismo bem como suas contradições internas e profundas as pessoas, em geral, podem não dar a devida

importância para a necessária luta organizada por melhores condições de vida e por uma sociedade melhor

Por essência entendemos “o conjunto das ligações mais íntimas e das leis internas que determinam a estabilidade da existência e as tendências do desenvolvimento de um objeto ou fenômeno material” (KAPRIVINE, 1986, p. 197). Só podemos conhecer a essência de um fenômeno por meio de especulação abstrata. Ou, como diz Kosik (1986), só após compreendermos profundamente um fenômeno é que somos capazes de chegar à sua essência.

Para compreender a essência de nosso sistema político econômico e social faz-se necessário compreender o que está oculto e interligado a esse fenômeno manifestando-se através dele. Por isso é cognoscível. Para conhecermos a essência devemos partir dos aspectos externos do fenômeno chegando a compreensão das conexões mais profunda e íntimas que estão sujeitas às leis.

Em suas descobertas Marx nos aponta que a essência do capitalismo é a expropriação de mais - valia da classe trabalhadora e esse fenômeno ainda é atual. O capitalismo de hoje mudou a forma e conteúdo do trabalho, mas não sua essência. A compreensão da essência é ponto de partida para compreender as contradições do fenômeno em estudo. No entanto, podemos dizer que essência e as contradições são dialéticas e históricas e, portanto não existem, em sua forma e conteúdo, para sempre.

Compreender que os fenômenos “apresentam frequentemente uma aparência oposta a sua essência”. (MARX, 1988, p. 619) nos leva a buscar as causas mais profundas das contradições que se apresentam em nossa realidade. A luta por superar essas contradições move a sociedade e leva a transformação de nossas condições de vida e, portanto de trabalho.

Ao explicar a sua teoria do valor e como essa é aplicada ao trabalho Marx nos fala da essência e da aparência. Para ele “A forma aparente, “valor e preço do trabalho” ou “salário, em contraste com a relação essencial que ela dissimula o valor e o preço da força de trabalho, podemos aplicar o que é válido para todas as formas aparentes e seu fundo oculto”. As primeiras aparecem direta e espontaneamente como formas correntes de pensamento; o segundo só é descoberto pela ciência. A economia política clássica avizinhou-se da essência do fenômeno, sem, entretanto, formulá-la conscientemente. E isto não lhe é possível enquanto não se despojar de sua pele burguesa”. (1988, p. 619)

Dizer que a essência só pode ser conhecida através da especulação abstrata e que só após compreender em profundidade um fenômeno chegaremos a sua essência bem como descobrir o que está oculto e interligado manifestando-se através dele não quer dizer que a ciência deixará de ser necessária. A realidade humana e a sociedade que temos possibilidade de construir sempre serão fenômenos históricos e em movimento. Conhecer a essência não acaba com a ciência ou torna-a desnecessária¹³. O que queremos dizer é que o estudo sistemático deveria desvelar as essências dos fenômenos as suas causas mais profundas e não contribuir para que os jovens possam ver apenas as aparências. A alienação das consciências não é uma realidade neutra e muito menos desinteressada. A falta de rigor científico, cada vez mais acentuado, nas escolas e universidades tem objetivos ideológicos.

O tipo de educação oferecido à maioria, inclusive na universidade, não colabora para que cheguemos a compreender a essência dos fenômenos da realidade econômica política e social em que vivemos. A realidade da educação atual não pretende nos possibilitar um salto de qualidade na compreensão da sociedade como um todo. Esse

¹³ Marx teria dito isso? Essa afirmação aparece no cap. 5 do livro “A formação social da mente de Vygotski. É preciso lembrar as péssimas traduções dos livros de Vygotski. Nós não pensamos que se a essência for visível a ciência torna-se desnecessária.

salto deverá ser resultado de muitas lutas e nessas lutas incluímos a conquista do direito ao estudo de melhor qualidade para todos.

A aparência do valor do trabalho e o discurso de que qualquer trabalho dignifica torna a educação um braço do capitalismo e da formação para o mercado de trabalho. Os jovens assumem uma forma de vida que se baseia nessas aparências. Parece-nos que como professores e professoras não estamos tendo o vigor necessário para fazer frente à naturalização dessa forma de vida onde tempo é dinheiro e a aceleração das tarefas mais necessárias a todos nós como “o estudar”, “o pensar”, “o transformar” torna velhos os jovens e exclui os mais velhos do trabalho digno e do estudo aprofundado.

DE TRABAJO PARA ESTUDIAR / ESTUDIO PARA TRABAJAR: REALITES ET POSSIBILITES

Resume

Ce travail constitue une partie de la recherche entreprise avec les étudiants du cours de pédagogie de l'Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – RS – Brésil. Il est intégré dans le champ de recherche : éducation, travail et émancipation.

On prétend la compréhension, à la lumière du matérialisme historique et dialectique et des catégories de l'économie politique, des significations attribuées par les étudiants universitaires aux phénomènes travail et étude. Il s'agit d'une recherche surtout qualitative de nature dialectique.

Pour Marx, l'essence de la réalité humaine réside dans le travail, mais la source de toute richesse est dans la nature. Le travail, la nature et la société sont en relation dialectique. Le travail, alors, est une idée centrale articulatrice, et la nature et la société doivent être étudiées par rapport au travail. Marx aborde le travail, dans le mode de production capitaliste, en tant qu'empêchement au développement humain. Il propose le

travail en tant qu'acte de création et d'auto-expression humaine et qui ne doit pas avoir une valeur monétaire.

La compréhension de cette prémisses est nécessaire pour que les travailleurs puissent signifier et resignifier le travail au-delà de l'idéologie dominante. Il y a quelques catégories qui apparaissent comme fondamentales pour l'analyse: les conditions de travail et d'étude, la nécessité de formation, la prédominance du travail sur l'étude, la difficulté de conciliation du temps consacré aux études et de celui consacré au travail. Par rapport au sujet d'étude, on relève la crise structurelle du capital, la déréglementation des lois du travail et sa flexibilité et les contradictions entre travail et étude ainsi que les possibilités émancipatoires visées ou rêvées par les travailleurs-étudiants.

Mots-clés: Contradictions entre travail et éducation ; Conditions et significations ; réalités et possibilités

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999. 259 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário:** e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2010.

BENSAÏD, Daniel. **Marx, o intempestivo.** Grandezas e misérias de uma aventura crítica. Civilização Brasileira, s/d.

CHEPTULIN, Alexander. **A dialética materialista:** categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

EAGLETON, Terry. **Marx e a liberdade.** Tradução de Marcos B. de Oliveira. São Paulo: UNESP, 1999.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx:** materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem.** 7 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

KAPRIVINE, V. **O que é materialismo dialético**. ABC dos conhecimentos sociais e políticos. Moscovo: Edições Progresso, 1986.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARX, Karl. **O processo de produção do capital**. In: _____. **O capital**: crítica de economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988^a. Livro 1, v. I.

_____. _____. In: _____. **O capital**: crítica de economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988b. Livro 1, v. II.

_____. **Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844**. Obras filosóficas escolhidas. Bogotá: Pluma, 1980, 171 p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MÈSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

PISTRAK, M M. **A escola comuna**. (Org.). Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação**: trajetória, limites e perspectivas. 3. ed. Campinas: Cortez, 1999.

_____. **Trabalho e educação**: Fundamentos ontológicos e históricos Trabalho encomendado pelo GT – Trabalho e Educação, apresentado na 29ª Reunião da ANPED no dia 17 de outubro de 2006, em Caxambu. Acesso em julho de 2008. Site: www.google.com.br

SIQUEIRA, Janes Teresinha Fraga. **A luta do jovem trabalhador e estudante nas escolas estaduais de Porto Alegre/RS**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Tese.

WOOD, Ellen. **Democracia contra capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Ed. Boitempo, 2003. 216 p.

Data de recebimento: 05/04/2011

Data de aceite: 21/06/2011